



O monólogo enquanto ato dialógico em água viva, de Clarice Lispector
The monologue as a dialogical act in água viva, by Clarice Lispector

Lorena Varela

Mestranda em Letras

Universidade Federal de São Paulo

<https://orcid.org/0009-0007-8887-3023>

lovacardoso@gmail.com

Anderson Salvaterra Magalhães

Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

Universidade Federal de São Paulo

<https://orcid.org/0000-0003-3183-1192>

asmagalhaes@unifesp.br

EDIÇÃO ESPECIAL - X ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E PÓS-GRADUAÇÃO DO IFSP - CAMPUS SÃO PAULO (EICPOG)

Resumo

Esta pesquisa, de natureza qualitativa e fundamentada em levantamento bibliográfico-documental, tem como objetivo investigar o funcionamento do monólogo na obra *Água Viva*, de Clarice Lispector, articulando a forma monológica ao fenômeno dialógico conforme os pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin. Partindo da concepção do enunciado como uma construção atravessada pela alteridade e pela responsividade, analisamos como o monólogo clariceano se configura não como uma atividade isolada, mas como prática discursiva permeada pela expressividade e pela escuta responsiva silenciosa. A pesquisa busca compreender como os processos interacionais se organizam na estrutura monológica, investigando aspectos como o constante endereçamento ao outro, o desdobramento de posições estéticas e a relação volitiva com os tópicos abordados, destacando a compreensão silenciosa como condição fundamental para a produção e sustentação do monólogo. Além disso, consideramos o monólogo como elo na cadeia discursiva, eticamente implicado na relação com o outro, e a expressividade como força estruturante e condicional da forma monológica, na qual a linguagem é concebida tanto como matéria estética quanto como campo de experimentação.

Palavras-chave: monólogo; dialogismo; Clarice Lispector; discurso.

Abstract

This qualitative research, based on bibliographic and documentary research, aims to investigate the functioning of the monologue in Clarice Lispector's work *Água Viva*, articulating the monological form with the dialogic phenomenon according to the theoretical assumptions of the Bakhtin Circle. Starting from the conception of the utterance as a construction traversed by alterity and responsiveness, we analyze how the Claricean monologue is configured not as an isolated activity, but as a discursive practice permeated by expressiveness and silent responsive listening. The research seeks to understand how interactional processes are organized within the monological structure, investigating aspects such as the constant address to the other, the unfolding of aesthetic positions, and the volitional relationship with the topics addressed, highlighting silent understanding as a fundamental condition for the production and sustenance of the monologue. Furthermore, we consider the monologue as a link in the discursive chain, ethically implicated in the relationship with the other, and expressiveness as a structuring and conditional force of the monological form, in which language is conceived both as aesthetic matter and as a field of experimentation.

Keywords: monologue; dialogism; Clarice Lispector; speech.

Introdução

Dialogicamente falando, a língua é o fenômeno da interação entre — no mínimo — dois sujeitos socialmente situados, sendo realizado por enunciados concretos (Bakhtin, 2020), que

refletem as condições singulares de cada um dos sujeitos participantes e a finalidade de cada campo da interação. A partir desses valores, que são ativados pelas pistas materiais, podemos entender o discurso como o processo dessa interação social, que se projeta como elos de uma corrente. Nesse processo, é fundamental considerar o discurso interior, entendido como o conjunto de vivências, percepções e valores singulares que o sujeito acumula a partir de suas interações sociais e históricas, e no qual se confrontam signos apreendidos do outro com o repertório próprio do enunciador, produzindo novas relações de sentido (Volóchinov, 2018). Esse espaço interno de elaboração não é isolado, pois está atravessado por vozes e valores sociais que, reelaborados, podem emergir em novos enunciados.

Água Viva, de Clarice Lispector, é um texto marcado pelo fluxo de consciência, alternando percepções do mundo interno e externo de forma aparentemente descontínua. A ausência de alternância explícita de participantes e a não identificação do interlocutor promove uma interação que ultrapassa tempo e espaço, e que enfatiza uma tensão entre o solilóquio e o diálogo. Mesmo com a enunciativa afirmando que está sozinha em casa, o texto é marcado por um constante endereçamento ao outro, que não assume a palavra, mas influencia direta e indiretamente tanto a forma quanto o conteúdo enunciativo.

Este estudo adota a Análise Dialógica do Discurso (ADD), inspirada no Círculo de Bakhtin, que entende a arte como comunicação estética inserida no fluxo social, conduzindo trocas ideológicas como qualquer outro campo da comunicação humana. Dessa perspectiva, o discurso estético emerge como uma forma específica de interação simbólica, capaz de condensar visões de mundo e valores singulares, razão pela qual a literatura atua como um espaço de registro e circulação de monólogos.

Na perspectiva dialógica, o monólogo não se confunde com o monologismo. Enquanto este último se caracteriza pela ausência de abertura ao outro e pelo fechamento de sentido na voz do enunciador, o monólogo é compreendido como forma de manifestação do enunciado em que não há alternância empírica de falas, mas que ainda se dirige a um interlocutor e pressupõe resposta — mesmo que silenciosa, retardada ou projetada. Por essa razão, urge traçarmos a distinção entre participantes do enunciado e parceiros dialógicos: Os participantes do enunciado correspondem às posições textualmente indicadas na situação imediata — enunciador, enunciatário e objeto enunciativo —, que assumem papéis diretos na interação discursiva. Já os parceiros dialógicos abrangem sujeitos que não estão presentes de forma imediata, mas que influenciam a construção do enunciado por meio das vozes e valores incorporados ao discurso interior do enunciador. Esses parceiros podem ser pessoas concretas, discursos anteriores ou até entidades mais abstratas, como o supradestinatário, situado acima dos interlocutores imediatos e que funciona como referência de sentido e valor para o discurso (Bakhtin, 2020d; Faraco, 2024).

Nessa rede de interações, expressividade e compreensão constituem dimensões inseparáveis do ato enunciativo. A expressividade é a atualização concreta da relação valorativa do enunciador com o objeto, manifestando-se pela entonação e pelas escolhas lexicais, composicionais e estilísticas que conferem singularidade ao enunciado (Bakhtin, 2020d). Já a compreensão, longe de ser passiva, é sempre responsiva: ao entrar em contato com o enunciado, o interlocutor o interpreta a partir de seu próprio discurso interior, reorganizando e reacentuando o que foi dito. É nesse movimento que a expressividade inicial encontra novas camadas de sentido, pois cada ato de compreensão, ao responder, também expressa. Assim, produzir e compreender são momentos distintos de um mesmo processo dialógico, no qual a palavra é continuamente recriada. Quando não há a construção imediata de um novo enunciado-resposta, dizemos que houve uma compreensão silenciosa que, mesmo sem ocorrência verbal, é um ato responsivo por natureza, pois envolve um engajamento ativo do interlocutor com o enunciado. É justamente essa compreensão que constitui a natureza do

monólogo, permitindo que a identidade e o posicionamento do enunciador seja enfatizada, sem que isso implique na negação da natureza dialógica da linguagem.

A relação entre ética e estética também se mostra central. O ato ético envolve a responsabilidade singular do sujeito por aquilo que diz e faz no mundo, enquanto o ato estético organiza formalmente esse posicionamento, permitindo que a obra seja percebida como totalidade. A criação artística, assim, não é apenas elaboração formal, mas também um ato responsável, no qual o autor-criador — instância que concebe e organiza a obra a partir de sua posição exotópica — constrói um objeto que dialoga com valores coletivos e com seu repertório singular de experiência. Já o autor-contemplador, que é a instância interpretativa do próprio criador diante da obra finalizada, permite-lhe perceber o objeto esteticamente como um outro, completando o ciclo de interação e inserindo a obra literária no estatuto enunciativo.

Dessa forma, no monólogo literário, como em *Água Viva*, a expressividade, a compreensão, a identidade e a alteridade se entrelaçam na produção de sentidos, articulando ética e estética em um processo contínuo de circulação de vozes e valores no espaço social.

Objetivos

Como objetivo desta pesquisa, visamos compreender de que maneira os processos dialógicos, tais como a expressividade, a compreensão e a interação verbal, ocorrem no ato monológico.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa descritiva, bibliográfico-documental, que utiliza como objeto o texto literário estável, no caso, *Água Viva* de Clarice Lispector, selecionado por sua estrutura monológica e por apresentar um diálogo interno marcado pela metalinguagem e pela singularidade enunciativa. O texto permite analisar o grau de dialogicidade em uma performance aparentemente monológica.

Os procedimentos analíticos envolveram: (a) descrição dos marcadores enunciativos — especialmente pronominais e verbais — que indicam o endereçamento e a presença implícita de um enunciatário, evidenciando a expressividade e a tensão entre presença e ausência; (b) análise da compreensão responsiva silenciosa, identificando pausas temáticas, perguntas não respondidas e quebras de fluxo como sinais do diálogo interno e da alternância entre as posições de autor-criador e autor-contemplador; (c) interpretação do monólogo como elo na corrente discursiva, a partir da observação dos recursos metalinguageiros, situando-o como manifestação singular que articula elementos estéticos, éticos e filosóficos, extrapolando a situação imediata e refletindo valores coletivos.

Resultados e discussão

A investigação buscou compreender como um monólogo literário, especificamente *Água Viva* de Clarice Lispector, manifesta procedimentos dialógicos mesmo na ausência de um interlocutor presente. O estudo partiu da perspectiva bakhtiniana do enunciado concreto, analisando como a obra revela relações entre enunciador, objeto e enunciatário. Observamos que a configuração monológica não exclui a presença do outro, mas o incorpora de forma implícita, seja por meio de marcas linguísticas, seja pela construção valorativa do discurso.

Foram identificados marcadores formais que evidenciam a presença de um destinatário, como pronomes e flexões verbais na segunda pessoa, que mostram indícios de uma relação afetiva e responsiva entre as instâncias enunciativas. Essa interlocução implícita revela um movimento contínuo de endereçamento e resposta, ainda que silenciosa, sustentando o caráter interativo da obra. As escolhas lexicais e a entonação também desempenham papel central, reforçando a expressividade como elemento de singularização do enunciado.

A análise destacou ainda o papel da compreensão responsiva silenciosa, entendida como a elaboração interna do sentido na ausência de resposta verbal imediata. No texto, essa dinâmica se materializa em perguntas não respondidas, mudanças súbitas de tema e reflexões que evidenciam a tensão entre conhecer e não conhecer. Tal recurso funciona como artifício estético, ampliando a densidade filosófica e poética do monólogo, e confirma que o silêncio, longe de ser vazio, participa ativamente da construção de sentidos.

Por fim, o monólogo foi interpretado como elo na corrente discursiva, uma forma que, embora pareça isolada, mantém vínculos com valores coletivos e outros discursos. Essa compreensão se sustenta na distinção entre autor-criador e autor-contemplador, completando o ciclo ético e estético da criação. Assim, *Água Viva* se mostra não apenas como um solilóquio, mas como um ponto de encontro entre subjetividade e alteridade, capaz de reverberar em diferentes campos discursivos.

Conclusão

O estudo demonstra que, embora construído em forma monologal, *Água Viva* mantém um forte caráter dialógico, sustentado pelo endereçamento constante a um outro e pela presença de compreensão responsiva silenciosa. Esse interlocutor implícito orienta a estrutura e o conteúdo, enfatizando a expressividade como elo entre monólogo e diálogo, e conferindo ao ato de dizer dimensão ética e estética. O silêncio, longe de indicar ausência, atua como recurso expressivo: pausas, quebras de fluxo e instabilidade temática compõem uma estética da incompletude, na qual forma e conteúdo se constroem simultaneamente. A compreensão silenciosa, nesse contexto, intensifica o gesto expressivo e confirma que a interação pode ocorrer mesmo sem a troca explícita de turnos de fala. A alternância entre autor-criador e autor-contemplador evidencia a linguagem como alteridade e como espaço de tensão. O discurso se constrói e se observa simultaneamente, permitindo que a subjetividade se forme na mediação com o outro — seja este uma pessoa, uma ideia ou a própria linguagem. Assim, o monólogo é compreendido como gesto responsivo capaz de transformar experiências singulares em manifestações coletivas. Sua incompletude preserva a abertura para múltiplos sentidos, garantindo a continuidade da corrente discursiva e reafirmando a centralidade da expressividade e da compreensão na construção estética e ética da obra.

Referências

- Bakhtin, M. (2020). *Os gêneros do discurso*. In *Estética da criação verbal*. Martins Fontes.
- Faraco, C. A. (2024). O enigma do terceiro em Bakhtin. In M. H. C. Pistori et al. (Orgs.), *Beth Brait: Autora. Personagem. Diálogos*. Hucitec.
- Lispector, C. (1998). *Água viva*. Rocco.
- Volóchinov, V. (2018). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Editora 34.